

Leslie Allen, Lamentações, Sessão 11, Lamentações 4: 1-22

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 11, Lamentações 4:1-22.

Chegamos neste vídeo ao capítulo 4 de Lamentações e uma pergunta básica que precisamos fazer é como isso se encaixa no livro como um todo? E responder a essa pergunta não é nada óbvio.

O que isso está fazendo aqui? E poderíamos apresentar um bom argumento para dizer que o capítulo 4 é desnecessário e pelo menos está fora de lugar. E há duas razões pelas quais alguém poderia chegar a essa conclusão. No capítulo 3, implícita e explicitamente, o tema foi oração, oração, você precisa orar, e o mentor os incentivou a orar e deu as razões pelas quais deveriam orar.

É disso que trata Lamentações 3, e ele ofereceu suas próprias orações como um incentivo, como um modelo, esse modelo masculino como um paralelo ao modelo feminino de Sião nos capítulos 1 e 2. Então é isso que o capítulo 3 estava dizendo, e o capítulo 5 segue naturalmente o capítulo 3. É uma resposta, eles oram, eles oram. Portanto, o capítulo 5 se parece muito com a próxima peça do quebra-cabeça. Então, o que o capítulo 4 está fazendo aí? E então 2, ao lermos o capítulo 3, descobrimos que havia um movimento em direção ao sofrimento contemporâneo no período pós-guerra.

Os capítulos 1 e 2 ficaram muito repletos de memórias do cerco, mas agora há sofrimento contemporâneo neste período pós-guerra, nesta época de ocupação por um inimigo. E aquelas referências que tivemos no capítulo 3, que deixam para trás toda aquela situação de cerco, estão muito alinhadas com o capítulo 5 porque o capítulo 5 não está nem um pouco envolvido com questões do cerco; está falando sobre a ocupação de Judá no pós-guerra. Tudo bem, então o capítulo 5 segue naturalmente o capítulo 3. Mas e o capítulo 4? Ele volta para onde estávamos nos capítulos 1 e 2. Ele volta às condições de cerco na queda de Jerusalém, e memórias passadas são revividas.

E então, o que devemos fazer com o capítulo 4? E é assim que eu vejo isso. A congregação não estava pronta para passar para o capítulo 5. O mentor os estava preparando e insistindo: vocês precisam orar. Eles não estavam prontos para orar.

No geral, o princípio é que o processo de luto tem o seu próprio calendário e não podemos determinar antecipadamente durante quanto tempo alguém irá sofrer ou, de outro ponto de vista, que aspectos entrarão no seu luto e serão mais importantes.

Eventualmente, no capítulo 5, a congregação alcançará aquele ponto de viragem na dor que o mentor anseia. Mas ainda não estão prontos e o mentor respeita esse atraso.

Ele fica com a congregação e espera que eles o alcancem. E aí estamos. Estamos de volta aos capítulos 1 e 2. Abordamos assuntos semelhantes porque é isso que a congregação precisa fazer.

Uma das entrevistas mais tristes que já tive como capelão com um paciente foi numa unidade psiquiátrica. A paciente era uma mulher, esposa, que passou por uma experiência ruim. E agora ela estava sofrendo de depressão severa.

Perguntei: Sua família lhe dá apoio? Bem, ela disse, meus sogros me disseram para superar isso. Eles não sabem como é e não querem saber. E seu marido? Perguntei.

Às vezes, ele fica do meu lado e, às vezes, fica do lado deles. Ah, que triste. Ah, para uma família que entende.

Ah, pelos amigos que entendem, que poderiam ter se reunido em torno dessa pobre mulher e lhe dado o apoio de que ela precisava. Ah, para pessoas empáticas ou solidárias que possam compartilhar esse fardo. O mentor do Livro das Lamentações é alguém assim, graças a Deus.

Espero que sejamos assim se for necessário. Certamente, o mentor volta ao capítulo 4 para ensaiar sua dor. Ele volta para onde a congregação ainda estava.

Essa era a necessidade atual. E ele pode esperar com eles para passar para uma fase mais positiva. Neste contexto, penso em Jesus indo ao Jardim do Getsêmani.

E penso na decepção que ele experimentou. O que quero dizer? Bem, no relato de Mateus, no versículo capítulo 26, ele pediu a Pedro, Tiago e João que ficassem com ele. Fique acordado comigo, ele diz.

Estou profundamente triste. Nós sabemos o que aconteceu. Eles adormeceram.

E quão desapontado Jesus deve ter ficado ao perder o apoio deles. E haverá pessoas perto de nós que dirão ou gostariam de dizer: por favor, fique acordado comigo. Por favor, esteja presente comigo.

Estou profundamente triste. E espero que não os decepcionemos. Espero que sigamos o exemplo do mentor.

Ele fica onde a congregação está. E ele, talvez não felizmente, mas retorna com eles em espírito aos capítulos 1 e 2. Isso significa que temos um lamento fúnebre novamente nos versículos 1 a 20. E é indicado de maneira padrão.

Nós temos esse como básico. Na verdade, isso ocorre duas vezes aqui. Não tivemos isso duas vezes antes.

E lembre-se, é um grito. É um grito. Echá! Echá! E assim, ele entra no sofrimento deles.

E ele expressa para si aquele som verbal de pesar. E então dois, versículos 1 a 20, têm as marcas de uma série de inversões de contrastes. Você tem os bons velhos tempos e agora tem os dias ruins.

Uma série de anormalidades. Essas reversões são contadas na forma de contos e trechos de narrativa ao longo de todo o capítulo. E assim, vamos percorrer este lamento fúnebre.

Em primeiro lugar, os versículos 1 e 2 parecem ser o primeiro tipo de narrativa: como o ouro escureceu, como o ouro puro mudou.

As pedras sagradas estão espalhadas no início de cada rua. Agora, existem metáforas aí. Então, no versículo 2, chegamos à realidade, à situação real por trás das metáforas.

Os preciosos filhos de Sião, que valem seu peso em ouro fino, como são considerados são potes de barro, obra das mãos do oleiro. E isto fala de falta de respeito pelo valor humano. Há um sentimento de inutilidade que permeia a congregação.

E isso foi algo que Sião verbalizou em uma daquelas orações do meio do capítulo 1, não foi? Falando de sua inutilidade. Eu não valho nada. Sim, versículo 11, olhe, Senhor, e veja como me tornei inútil.

E pior do que considerar outras pessoas como inúteis é sentir que é isso que somos: inúteis. E isso é falado do povo como um todo. E assim, temos esta situação factual no versículo 2, os preciosos filhos de Sião.

Voltamos àquela personificação de Sião. Como no capítulo anterior, os seus filhos são, na verdade, a congregação. Aqueles que estão reunidos no pátio do templo em ruínas são os filhos de Sião.

E então, ela está falando de seus próprios filhos. E é interessante que haja uma moldura, uma moldura retórica geral, no capítulo 4, que começa, bem, pelo menos

no versículo 2, com esta personificação de Sião, voltando ao que vimos nos capítulos 1 e 2. E termina nessa mesma nota. No versículo 22, mencionamos a filha Sião, filha Sião.

Agora, talvez devêssemos voltar e falar de forma mais geral sobre o capítulo antes de chegarmos a essas referências detalhadas. O capítulo 4 é muito parecido com o capítulo 2, mas falta-lhe a forte emoção que temos ali, que Sião e o mentor trouxeram para a situação. Mas há uma profunda simpatia demonstrada pelo mentor.

Nós temos meu povo. No versículo 3, meu povo se tornou cruel. No versículo 6, o castigo do meu povo.

No versículo 10, a destruição do meu povo. E isso é algo novamente que foi retomado do capítulo 2 e, na verdade, do capítulo 3. Em 2.11, a destruição do meu povo. E isso foi captado em 3:48, e meus olhos correm com rios de lágrimas por causa da destruição do meu povo.

E então, há uma empatia profunda aí, uma empatia comovente ao falar do meu povo. E então, olhando para os versículos 17 a 20, o mentor parece ter se envolvido pessoalmente neste episódio específico porque ele fala em termos de nós e nós e nosso. E assim, a mensagem é: estou com vocês em espírito e também estive envolvido nesta crise.

Então precisamos dizer que este capítulo, em geral, é um poema acróstico, como os capítulos 1, 2 e 3. Mas é mais curto do que o que tivemos antes porque as estrofes não têm três versos. São apenas duas linhas. Portanto, temos 22 estrofes de duas linhas alinhadas com as 22 letras do alfabeto hebraico. E não temos as estrofes de três versos que tivemos nos capítulos 1, 2 e 3. E então há 44 versos, apenas 44 versos.

Se olharmos para Lamentações inteiras, vemos um encurtamento gradual. Os capítulos 1 e 2 tinham 67 linhas cada, e o capítulo 3 tinha 66 linhas.

O Capítulo 4 desce para 44 linhas. O Capítulo 5 desce para 22 linhas. E parece haver um movimento gradual em direção ao fechamento literário, abreviando à medida que você avança e tornando os poemas mais curtos.

Observe que digo um encerramento literário, não um encerramento psicológico, que você nunca encontra em Lamentações, mas um encerramento literário. É a sua maneira de desacelerar, de chegar ao fim, encurtando cada poema por vez. E então, sim, temos os versículos 1 a 20, e estamos examinando aquele Lamento Fúnebre.

Vimos esse facto básico no primeiro episódio, poderíamos dizer, no versículo 2, que se refere ao povo como um todo e ao seu sentimento de inutilidade. Ele capta a metáfora. Você tem os bons velhos tempos mencionados lá.

Eles eram pessoas importantes. Eles tinham uma noção de seu valor e valor. Eles eram como ouro, ouro puro.

Eram como pedras sagradas, pedras preciosas que eram guardadas no templo como um tesouro, como acontecia frequentemente no antigo Oriente Próximo. Mas agora, o que são eles? São apenas potes de barro, assim como os potes de barro morreram uma dúzia, e não contam mais para nada. E então, há essa sensação de não contar e de não valer nada.

E aí estamos. Essas são as pessoas como um todo. Mas depois disso, na maioria dos casos, é falar, é restringir-se a diferentes grupos dentro do povo e envolver-se num Lamento Fúnebre sobre cada secção da comunidade, por sua vez.

E assim, nos versículos 3 e 4, fala de crianças que passavam fome e não podiam mais ser amamentadas no peito da mãe porque a mãe não produzia leite. Ela não estava sendo alimentada o suficiente. E eles não podiam ser alimentados com alimentos sólidos.

Não havia comida sólida para todos. E há esta situação terrível. Versículos 3 e 4, até os chacais oferecem o peito e amamentam seus filhotes.

Mas o meu povo tornou-se cruel, como os avestruzes no deserto. A língua do bebê gruda no céu da boca por causa da sede. As crianças imploram por comida, mas ninguém lhes dá nada.

E assim, temos aquela situação trágica, crianças sofrendo. E muitas vezes, nos anúncios televisivos, somos confrontados no ecrã com crianças em sofrimento que precisam de ajuda. Você dará dinheiro para ajudar essas crianças? E esse é um argumento muito forte.

E assim, para essas pobres crianças, amamentadas na antiga Judá, isso acontecia durante os primeiros três anos de vida de uma criança. E assim, foi um aspecto importante para sua sustentação. Mas nada de amamentar dessa maneira e nada de alimentar.

E, ironicamente, é como se as pessoas fossem cruéis. Eles não eram, realmente. Mas, ironicamente, parece que sim.

Por que eles não lhes dão nada? Bem, a verdade é que não havia nada para dar. Mas há esse contraste figurativo de duas maneiras. Até os chacais oferecem o peito e amamentam os seus filhotes.

Mas estas mulheres parecem ser menos que animais. Como eles podem fazer isso? Meu povo, é como se eles fossem cruéis. E eles são como os avestruzes no deserto.

E isso é um pedaço do folclore. E, de fato, falamos disso no livro de Jó. Jó capítulo 39 e versículos 14 a 16.

Fala sobre o avestruz. E está dizendo no versículo 13 que as asas do avestruz batem loucamente, embora suas asas não tenham plumagem. Deixa os ovos na terra e deixa-os aquecer no chão, esquecendo que a comida pode esmagá-los e que um animal selvagem pode pisoteá-los.

Trata cruelmente os seus jovens como se não fossem seus. E então, há uma parte do folclore sobre o avestruz aqui. E parece que as pessoas estão sendo cruéis.

Mas isso é apenas a aparência. E sabemos que não é bem assim. Mas, ironicamente, é o que parece.

E então, no versículo 5, você chega a outro pequeno cenário. Aqueles que se deleitaram com iguarias morrem nas ruas; aqueles que foram criados em púrpura agarram-se a montes de cinzas.

E aqui está outro contraste entre o que deveria ser e o que é. Os ricos estavam agora empobrecidos. Eles passaram da riqueza à miséria.

E eles não tinham comida. E há esta terrível mobilidade descendente que eles sofreram. E eles não são mais ricos.

Suas contas bancárias não existem mais. E então, existe essa situação assustadora de que a sociedade pode sofrer a reversão desta forma. Pessoas ricas agarradas a montes de cinzas.

Eles foram educados para usar roxo, que era uma roupa cara. E então no próximo episódio, nos versículos 6 a 8, voltaremos aos versículos 7 a 8. Voltaremos ao versículo 6 mais tarde.

Fala sobre líderes civis que normalmente seriam tratados com grande respeito e honra. Os líderes civis sofreram. 7 e 8, seus príncipes eram mais puros que a neve, mais brancos que o leite.

Seus corpos eram mais rosados que corais, seus cabelos pareciam safira. Agora, o rosto deles está mais preto que fuligem. Eles não são reconhecidos nas ruas.

A pele deles está enrugada nos ossos. Tornou-se tão seco quanto madeira. E, claro, este é o efeito físico da fome, e mesmo essas pessoas que eram importantes na sociedade e importantes para governar a sociedade, mesmo elas sofreram o efeito físico da fome.

E o rosto deles ficou mais preto que fuligem. E isso é na verdade um fenômeno físico: se você passar fome, sua pele muda de cor. Torna-se um tom escuro e arroxeado.

E foi isso que aconteceu com estes líderes civis, estes príncipes. No versículo 8, segunda parte, a pele deles está enrugada sobre os ossos. Tornou-se tão seco quanto madeira.

Isso nos lembra as fotos que podemos ver de prisioneiros de campos de concentração que passaram fome e trabalharam demais ao longo dos anos. Esse era o tipo de situação, mas, neste caso, foi causada pelo cerco e pela fome que ali ocorreram. E então, no versículo 10, voltamos ao relacionamento da mãe com os filhos.

E veremos o versículo 9 um pouco mais tarde. As mãos de mulheres compassivas cozinham os seus próprios filhos e eles tornaram-se o seu alimento na destruição do meu povo. Talvez isto seja o mais horrível de tudo, que estas crianças que morreram de fome, os seus cadáveres não foram enterrados, mas foram usados como alimento.

E por mais horrível que isso seja, é ainda mais horrível num contexto religioso antigo, onde os cadáveres eram considerados impuros. Mas esses cadáveres foram tomados como carcaças de um animal e usados como alimento. E isso não é incomparável.

Li recentemente sobre o cerco de Leningrado na Segunda Guerra Mundial, o cerco destes russos nas mãos dos alemães. E isso durou muito mais tempo do que o cerco de Jerusalém, que durou apenas 18 meses. Este foi um cerco de 900 dias, 900 dias.

E aí, novamente, o principal problema era a fome daqueles que estavam presos na cidade. E o que aconteceu foi que havia um mercado negro, um mercado negro de carne humana, de pessoas que morreram de fome. Agora, há uma palavra fascinante no versículo 10: compassivo.

As mãos de mulheres compassivas ferveram os seus próprios filhos. Eles se tornaram seu alimento na destruição do meu povo. E o que significa essa compaixão? Bem, muitas vezes é considerado como mulheres que costumavam ser compassivas e demonstravam toda compaixão pelos filhos, mas agora não mais.

Mas suspeito que eles ainda sejam compassivos. E o que quero dizer? Bem, aquelas criancinhas morreram. Como eu disse antes, as crianças pequenas seriam as primeiras a morrer.

E seus corpos não têm resistência para resistir a ataques de diversos tipos, incluindo a falta de comida, que os adultos suportam com mais facilidade. Adolescentes e adultos podem suportar com mais facilidade e pelo menos suportar e viver. Mas as crianças morreram primeiro e o resto da família sobreviveu.

E penso que a compaixão é exercida para com o resto da família para prolongar as suas vidas e para prolongar a vida da esposa e a vida da mãe ao cuidar do resto da família. E então, ela tem essa tensão, essa tensão, até onde ela deveria ir como esposa e mãe? É meu trabalho cozinhar a comida. Até onde devo ir? E ela percebeu, em última análise, em sua compaixão, que tinha que usar esses cadáveres como alimento para que a família sobrevivesse.

Uma tensão terrível para estas esposas e mães enfrentarem. Versículo 11, veremos um pouco mais tarde. Mas então o versículo 12 é um tipo diferente de preocupação.

Tivemos problemas físicos de diferentes tipos que estão ligados ao cerco. Mas agora há um problema teológico, um problema teológico muito candente. E é abordado no versículo 12.

Os reis da terra não acreditavam, nem nenhum dos habitantes do mundo, que inimigo ou inimigo pudesse entrar pelos portões de Jerusalém. O que é fascinante neste versículo é que ele é um eco de um cântico de Sião. Uma espécie de eco reverso do cântico de Sião.

O Salmo 76 é um dos cânticos de Sião no livro dos Salmos. E no final aí, bem, versículos 11 e 12, faça votos ao Senhor seu Deus e cumpra-os. Que todos os que estão ao redor tragam presentes para aquele que é incrível, aquele que corta o espírito dos príncipes, que inspira medo nos reis da terra.

Aí temos esta situação em que reis estrangeiros admiravam Yahweh. Junto com isso veio a admiração por Sião, a cidade de Deus. E então essa admiração e esse respeito, é isso que causa a reação no versículo 12 aqui em Lamentações 4. Os reis da terra não acreditaram, os reis da terra, nessa mesma frase, nem nenhum dos habitantes do mundo acreditou. , esse inimigo ou inimigo poderia entrar pelos portões de Jerusalém.

Por que? Porque era um princípio básico da teologia de Sião que Sião era inexpugnável. Você não conseguiria passar por seus portões se fosse um inimigo, porque Deus estava lá e Deus sempre protegeria Sião. Vimos esta questão

anteriormente no livro, e ela emerge novamente como um problema teológico e religioso candente.

Esta velha expectativa estava tão firmemente arraigada no pensamento pré-exótico que eles tiveram que abandoná-la. Isso não se aplicava mais e eles puderam ver diante de seus olhos que essa semente estava crescendo indefinidamente e Deus não estava vindo em seu auxílio. E então, dizem os reis, não podemos acreditar que seja verdade.

E isso era algo que a própria congregação estava pensando e esta é uma primeira resposta comum à perda. Não posso acreditar que é verdade. E então há esse choque e essa negação de que isso tenha acontecido.

Mas aconteceu, e você sabe que aconteceu. Na sua mente você sabe disso, no seu coração você não aceita, mas tem que aceitar. E assim, versículo 12, o fim trágico da teologia de Sião.

Eles precisam de um novo conjunto de expectativas e, no capítulo 3, o mentor tentou escurecê-los novamente, para que pensassem de novo. Aqui está uma expectativa válida e que irá levá-lo adiante e além de sua situação atual. Mas você ainda está de luto.

Você ainda está de luto. Depois, de 13 a 16, há outra seção da sociedade, a sociedade de Jerusalém, que é mencionada aqui. E é pelos pecados dos seus profetas e pelas iniquidades dos seus sacerdotes que derramaram o sangue dos justos no meio dela.

Cegamente, eles vagaram pelas ruas, tão contaminados com sangue que ninguém conseguia tocar em suas vestes. Longe, pessoas impuras gritavam com eles, longe, longe, não toquem. Assim, eles se tornaram fugitivos e errantes, e foi dito entre as nações que eles não ficariam mais aqui.

Bem, o versículo 13 atribui a culpa pelo fim da teologia de Sião aos administradores dessa teologia de Sião, e esses foram os sacerdotes e os profetas. Lembre-se, estávamos falando deles antes, os profetas Shalom que disseram que tudo ficaria bem, e eles se aliaram alegremente aos sacerdotes na garantia de que a teologia de Sião os ajudaria. E aqui nesta seção, temos a degradação dos sacerdotes e dos profetas Shalom, e é sobre eles que a culpa é colocada, essa culpa é colocada.

E assim, lemos sobre o sofrimento deles agora. E diz que eles derramaram o sangue dos justos no meio dela, o que é uma linguagem muito forte. Você encontra muita linguagem forte no capítulo quatro que precisamos explicar cuidadosamente.

E aqui, estes sacerdotes e profetas Shalom, profetas da paz, assumiram a responsabilidade final por tudo o que aconteceu porque não prepararam o povo, não levaram o povo ao arrependimento e não sentiram necessidade disso. Não, confie em Deus, não tem nada a ver conosco, com nossa justiça ou com seus trapos imundos. É Deus. Deus vai abençoar e Deus vai dizer que está tudo bem. Tudo ficará bem. E assim, eles carregam o máximo.

É como se eles próprios tivessem derramado o sangue dos justos no meio dela. Eles foram responsáveis pela morte de pessoas boas nesta guerra e neste cerco. E então, passa a falar do sofrimento deles.

Cegamente, eles vagaram pelas ruas, tão contaminados com sangue. À medida que avança, parece que pensamos especialmente nos sacerdotes e num contraste com a sua situação normal, porque eles se esforçariam para se manterem puros e limpos e não tocariam em sangue, por exemplo. Mas aqui, eles ficam contaminados com sangue.

Houve derramamento de sangue ao redor e eles não conseguiram evitar que o sangue saísse de suas roupas. E então, eles próprios são impuros. Eles estão contaminados com sangue e ninguém podia tocar em suas vestes.

E assim, pessoas impuras gritaram com eles. Longe, longe, não toque, não toque neles, eles são impuros. E encontramos a ironia destes padres, os mais limpos e puros de todas as suas vidas até agora.

Agora eles sofreram degradação. E assim, os padres estão muito à vista aqui. Eles se tornaram fugitivos e andarilhos. Eles tentaram fugir para as nações vizinhas, mas as outras nações não os quiseram.

Eles não ficarão mais aqui. E assim, esses padres que estavam no topo da hierarquia social, pode-se dizer, e têm tanto valor, essas pessoas, agora que são refugiados, são rejeitados, rejeitados. Então, o versículo 17 fala de outro tipo de problema e da falta de outra expectativa.

E esta era uma expectativa militar. Ah, sim, não olhamos o versículo 16 porque ainda fala sobre esses sacerdotes. Nenhuma honra foi demonstrada aos sacerdotes, nenhum favor aos anciãos.

Não, não acho que sejam os mais velhos. Idosos são pessoas idosas e você sempre tem problemas para traduzir o hebraico. É um idoso ou é uma pessoa idosa? E eu acho que aqui são os idosos.

Nenhuma honra foi dada aos sacerdotes, nenhum favor, mesmo aos sacerdotes idosos, mesmo aos idosos. Você esperaria que isso acontecesse, mas esta é uma

reversão social que os idosos são simplesmente ignorados, mesmo sendo padres. Mas então, no versículo 17, a falta de um aliado militar para o povo e a decepção que foi sentida.

Nossos olhos falharam em procurar ajuda em vão. Estávamos observando ansiosamente uma nação que não conseguia salvar. E havia esperança nesta luta contra a Babilônia, nesta rebelião contra a Babilônia.

Temos o Egito do nosso lado. Temos um tratado, um tratado militar com o Egito, e eles virão e nos ajudarão e expulsarão os babilônios. E, ironicamente, isso aconteceu por um curto período de tempo.

Existem alguns versículos em Jeremias que dizem isso. Sim, por um tempo, esse cerco teve de ser suspenso e o exército teve de descer até a parte sul de Judá para enfrentar um exército egípcio. Mas os babilônios venceram e então os egípcios fugiram e então eles voltaram, os babilônios, de volta para retomar o cerco depois de um curto período de tempo.

E então, falta um aliado para esse povo. Se ao menos o Egito vier em nosso auxílio. Se ao menos tivéssemos esta aliança militar.

Oh, por favor, deixe-os vir. E eles acabaram sendo uma cana quebrada, uma cana quebrada. Essa é uma frase usada pelos assírios numa época em que Judá estava procurando; não, é uma época em que um enviado assírio se dirigia aos líderes de Jerusalém em 2 Reis 18 e versículo 21.

E ele disse: veja, você está confiando agora no Egito, aquela cana quebrada de bastão, que perfurará a mão de qualquer um que se apoie nele, como o Faraó, rei do Egito, a todos os que confiam nele. E isso se tornou realidade agora. Isso se tornou realidade mais uma vez.

E Judá estava descobrindo que não ajudava ter menos alianças militares. Eles perderam mesmo assim. Voltaremos ao versículo 18 e versículo 19 e veremos o versículo 20.

E aqui está um versículo muito trágico. E mais uma vez, é uma antiga e venerável expectativa que foi destruída. É o fim da teologia real.

O versículo 20 diz que o ungido do Senhor, o fôlego da nossa vida foi retirado nas suas covas, aquele de quem dissemos, à sua sombra viveremos entre as nações. Zedequias, o último rei. E ele era o descendente da dinastia davídica.

E ele foi o último rei davídico. E houve promessas de que essa monarquia duraria para sempre. Sempre haveria um rei reinando no trono de Jerusalém.

E Judá acreditou nisso. Judá acreditava firmemente nisso. Mas agora, essa expectativa foi interrompida com a captura do rei.

E contamos a história. Temos o contexto histórico em 2 Reis, no capítulo 25 e nos versículos 4 e 5. Os combates principais, as operações de cerco do ponto de vista dos babilônios, tendiam a ocorrer no norte e noroeste da cidade e nos portões ao redor. E embora houvesse tropas babilônicas ao redor de Jerusalém, e ao redor dos muros de Jerusalém em outros lugares, elas tendiam a ser menos vigiadas.

E havia outros portões pelos quais talvez você pudesse escapar. Havia um portão sudeste, pelo qual o rei, o grupo real e alguns membros do exército pensaram que poderíamos passar por lá. E o que podemos fazer, podemos seguir para o leste, até o Jordão, e podemos passar.

E temos uma aliança militar com Ammon. E o rei amonita ficará feliz em nos acolher como refugiados. Então esse era o plano.

E parecia tão bom. E o que realmente aconteceu? Bem, 2 Reis 25 versículos 4 e 5. O rei, com todos os soldados, fugiu à noite pelo portão entre os dois muros do jardim do rei. No entanto, os caldeus estavam por toda a cidade.

Então, lá estavam eles saindo pelo portão sudeste, onde não havia tantos babilônios. E os poucos que estavam por perto poderiam se esquivar daqueles na escuridão. E eles foram na direção da Arábia.

E esse é o Vale do Jordão porque eles esperavam entrar na Transjordânia e chegar a um lugar seguro em Amon. Mas o exército dos caldeus perseguiu o rei e alcançou-o nas planícies de Jericó, a oeste do Jordão. Todo o seu exército foi disperso, abandonando-o.

Então capturaram o rei e o levaram ao rei da Babilônia, em Ribla. Riblah era o quartel-general na Síria, e era lá que estava Nabucodonosor.

E ele enviou seu exército com um general de três estrelas para Jerusalém. Quem proferiu uma sentença contra Zedequias. E massacraram os filhos de Zedequias diante dos seus olhos.

E arrancaram os olhos de Zedequias. Então, a última coisa que viu foram seus filhos sendo mortos pelos babilônios. E eles o amarraram com grilhões e o levaram para a Babilônia como um exilado cego.

E essa é a história. Era uma história bem conhecida da congregação, que sabia que isso havia acontecido na situação do pós-guerra. E assim, este é o fim da teologia real.

E isso é tão trágico. A teologia de Sião e a teologia real eram itens paralelos e gêmeos. O Salmo 2 diz, em Sião estabeleci o meu rei, diz Deus.

E então, isso é tão trágico. Tão trágico. O ungido do Senhor foi levado para suas covas.

Houve uma emboscada. E aí estava. Ele caiu em uma armadilha.

Aquele de quem dissemos: à sua sombra viveremos entre as nações. Estavam a salvo. Ele garante segurança para nós entre as nações.

E é um versículo que me lembra muito um versículo paralelo, se você preferir, em Lucas 24 e versículo 21. Lembre-se daquele par que estava caminhando no caminho para Emaús. E eles não sabiam que Jesus havia ressuscitado.

E esse estranho surge na escuridão ao lado deles. E eles estão conversando com ele. E eles não reconhecem que é Jesus.

Mas eles têm uma história lamentável. E no versículo 21, é o mais triste de todos. Eles têm que dizer, mas esperávamos que fosse ele quem redimisse Israel.

Esperávamos que fosse ele quem redimisse Israel. E há muito desse sentimento que se tem sobre Lamentações 4 e versículo 20 neste ponto específico. Bem, agora, no geral, neste capítulo, tivemos esse lamento fúnebre, que está centrado nas linhas de luto e perdas.

Perdas de tantos tipos diferentes. E aqui, o mentor reconhece a necessidade de sofrer. Era preciso sofrer mais nos termos dos capítulos 1 e 2. Era disso que a congregação precisava.

Eles não poderiam viver sem isso. Tem havido tristeza pelas perdas e mudanças para pior em muitas áreas da vida. Os grupos sociais e as expectativas sociais têm sofrido de muitas maneiras.

E é aí que estamos. Há alguns versículos que deixamos de fora à medida que avançamos. E alguns que podemos olhar novamente de um ângulo diferente.

Em primeiro lugar, há uma ênfase no sofrimento, uma ênfase no sofrimento, no sofrimento físico. No versículo 4, aquelas crianças que estavam sofrendo, e dá quase

vontade de chorar enquanto lemos, por mais longe que estejamos da situação, a língua da criança gruda no céu da boca de sede. E as crianças imploram por comida.

Mas ninguém lhes dá nada. Eles não têm nada para dar. E assim, o sofrimento das crianças é expresso de uma forma muito comovente.

E então no versículo 6, vamos voltar novamente ao versículo 6, na verdade, mas comentaremos agora. O castigo do meu povo foi maior do que o castigo de Sodoma, que foi derrubada num momento, embora nenhuma mão tenha sido colocada sobre ela. Isso nos remete àquela velha história de Gênesis sobre Sodoma e Gomorra sendo vencidas por terremotos e incêndios, tudo em um momento.

E contrastando com isso estão as agonizantes mortes lentas do povo de Judá em suas condições de cerco. E há esse contraste de que pelo menos foi comparativamente fácil. Acabou num momento para Sodoma, mas não para nós.

Continuamos sofrendo, sofrendo e sofrendo. E depois em 18 e 19, aquela vitimização, não vimos este texto antes, mas este é outro grupo de pessoas que tentaram fugir e, bem, durante o cerco, e depois pessoas que tentaram fugir, dois grupos. Eles perseguiram nossos passos para que não pudéssemos andar em nossas ruas.

Nosso fim se aproximava. Nossos dias estavam contados, pois nosso fim havia chegado. Em 19, nossos perseguidores foram mais rápidos que as águias nos céus.

Eles nos perseguiram nas montanhas. Eles nos esperam no deserto. E há duas situações.

Um está no cerco. Parte da guerra de cerco consistia na construção de torres de cerco com rodas de madeira, que eram mais altas que os portões e muros. E os arqueiros inimigos subiam ao topo dessas torres.

Dentro dos portões, cada portão tinha uma praça, uma praça e uma praça pública, e as pessoas poderiam muito bem estar andando por lá. E os arqueiros podiam mirar fora dos muros, mas eram mais altos que os muros e os portões, e podiam mirar nas pessoas nas praças públicas. E então houve essa vitimização das pessoas, e isso foi terrivelmente assustador.

Nosso fim se aproximava. Nossos dias estavam contados pois nosso fim havia chegado. E as pessoas sabiam, mesmo então, que embora o cerco continuasse, embora os portões e as muralhas se mantivessem firmes, não duraria muito mais tempo.

E o fim estava muito próximo agora. E então, em 19, são fugitivos. Talvez ainda seja durante o cerco, ou talvez seja quando a cidade cai, mas eles conseguem fugir da cidade como Zedequias, mas são perseguidos.

E os soldados, soldados estrangeiros, percebem que estão ali e os perseguem. Eles são mais rápidos que as águias nos céus. Eles nos perseguiram nas montanhas, deitaram-se e esperaram por nós no deserto.

Não conseguimos escapar. Não conseguimos escapar. E então, um acidente no sofrimento ali, um aspecto comovente.

Há outro aspecto que precisamos observar. Quero resumir com uma frase: O luto tira a cor da vida. Este é outro tipo de perda e é um tema que permeia a primeira parte do poema.

No versículo um, era o ouro que havia escurecido. Um pequeno problema com isso porque o ouro não mancha, mas talvez estivesse sujo, ou talvez tenha sido pensado como se estivesse enegrecido pela fumaça do incêndio de Jerusalém. Mas esse ouro amarelo, você não consegue ver esse ouro amarelo tão claramente.

E então, no versículo cinco, saem aqueles que antes se vestiam de púrpura, de outra cor. Agora, implicitamente, eles estão em farrapos. E então, nos versículos sete e oito, temos vários matizes trazidos diante de nós.

Eles eram mais puros que a neve, mais brancos que o leite. Seus corpos, suas peles rosadas, eram mais avermelhados que corais. Seus cabelos são como safira, cabelos pretos azulados.

E então, você obtém essas referências coloridas, mas tudo se transforma em monotonia à medida que essas pessoas sofrem. E assim, uma mensagem é que uma parte deste sofrimento é que a dor tira a cor da vida. Há um livro que respeito muito e que utilizei bastante em meu próprio estudo de Lamentações.

Na verdade, está mais relacionado aos Salmos, mas aos Salmos de Lamento. Salmos de Lamento, de Anne Weems, é um livro muito poderoso.

E seu poder vem do fato de que essa autora perdeu seu filho; Acho que foi um dia depois de seu aniversário de 21 anos. E lá estava ela, seu único filho, ele havia partido. E ela caiu em uma dor terrível.

Ela foi incentivada por Walter Brueggemann a escrever poemas sobre os versos dos lamentos fúnebres. E então, isso faz parte de um de seus lamentos. Ela o chama de Lamento Salmo 9. Vou ler apenas parte dele.

Oh Deus, o mundo ficou sem cor. A música foi desligada. A mortalha silenciosa cobre qualquer grão, qualquer verde que reste.

Tudo é cinza e cheira a morte. E isso é um resumo do que Lamentações na primeira parte do poema aqui quer dizer. A dor tira a cor da vida.

E há alguns versículos que precisamos examinar mais de perto. Você se lembra que nos capítulos um e dois, houve ênfase no significado e na interpretação. E foi além de um lamento fúnebre normal porque envolvia Deus.

E você teve esse movimento teológico, inserção de um ponto de vista teológico. E então aqui novamente, no capítulo quatro, encontramos a questão do significado e da interpretação. Podemos dar algum significado a essa dor? E a ênfase aqui não é meramente um fenômeno humano, como vimos nos capítulos um e dois, mas Deus teve uma participação nisso.

E há um eco, vamos encontrar aqui um eco de oráculos proféticos de desastre. Lembre-se daquela intervenção pessoal de Deus. Vou fazer algo ruim contra aqueles que se voltaram contra mim.

E tivemos isso no capítulo dois, a intervenção divina de forma negativa. E é isso que encontramos talvez implicitamente no versículo seis com a menção de Sodoma. Sabemos e todo leitor sabe que na história Deus está por trás dela.

O castigo do meu povo foi maior que o castigo de Sodoma. E muito, está nas mãos de Deus. E aquela morte agonizante e em câmera lenta estava nas mãos de Deus.

E então, no versículo 11, voltamos em espírito ao capítulo dois, o Senhor deu vazão total à sua ira. Ele derramou sua raiva ardente. Ele acendeu um fogo em Sião que consumiu seus alicerces.

E se nos fosse apresentado apenas aquele versículo e perguntássemos onde ele está em Lamentações? Estaríamos inclinados a dizer capítulo dois, mas não, está no capítulo quatro. E há essa referência à raiva e à ira e ao fogo e como isso se encaixa. Há uma adequação literária nisso, não há comida e eles tiveram que usar crianças mortas como alimento.

Bem, pelo menos havia comida em algum lugar e o fogo tinha seu próprio alimento que consumiu os alicerces de Sião. Então, uma nova menção irônica à comida, mas o ponto principal é que ela está nas mãos de Deus. E então no versículo 13, foi pelos pecados dos profetas e pelas iniquidades dos sacerdotes e esta retribuição.

É por esta razão teológica. E há esse tema da culpa que surge neste ponto específico com esse grupo específico. E então, no versículo 16, o próprio Senhor os dispersou.

Ele não os considerará mais. Estes são estes sacerdotes e profetas, a NVI, essa última frase, Deus não cuida mais deles. Deus não os protege mais.

Certo, então o significado, a interpretação é muito imposta. Na verdade não é tristeza, mas também há culpa neste reflexo de Deus trabalhando. Mas por último, por último, não chegamos ao fim.

Tenho falado sobre os versículos 1 a 20, mas 21 a 22, nossa, isso é bem diferente. Há um corajoso, no entanto, no entanto. Aqui temos uma forte afirmação de fé, tal como temos nos lamentos do Salmo.

Embora já tenhamos tido um lamento fúnebre antes, agora chegamos a um elemento que pertence aos lamentos orantes dos Salmos, uma forte afirmação de fé. E depois de todas estas reviravoltas negativas, há uma contra-reversão positiva prometida para o futuro nesta afirmação de fé. Alegra-te e alegra-te, ó filha Edom, tu que vives na nossa terra.

Mas para você a taça vai passar. Você ficará bêbado e se desnudará. O castigo da tua iniquidade, ó filha de Sião, está cumprido.

Ele não o manterá mais no exílio. Mas a tua iniquidade, ó filha de Edom, ele castigará. Ele descobrirá seus pecados.

E um comentarista diz que esta é a expressão de esperança mais forte de todo o livro. E isso é muito importante. E reafirma a postura positiva do capítulo 3.

E isso lembra a esperança. E assim, abre o caminho para o capítulo cinco. Mencionamos sobre Edom.

E Edom, às vezes no Antigo Testamento, é considerado o inimigo número um de Judá. Por exemplo, encontramos no Salmo 137, que olha tristemente para a queda de Jerusalém, encontramos lá, lembre-se, ó Senhor, contra os edomitas, o dia da queda de Jerusalém, como eles disseram, derrube-a, derrube-a, até os seus alicerces. E continua reclamando dos babilônios.

Mas a primeira culpa recai sobre os edomitas. E o que é dito ali está muito ligado ao livro de Obadias. E há todo um discurso contra Edom, Edom, Edom, e o papel que Edom desempenhou na queda de Jerusalém e suas consequências.

Eles uniram forças; eles deveriam ser aliados de Judá, mas uniram forças com Judá. Bem, você pode dizer que eles eram sábios e sensatos, e não iriam resistir a um inimigo que não pudessem resistir. Mas do ponto de vista de Judá, lá estava: eles

estavam exultantes; você estava se regozijando com seu irmão no dia de seu infortúnio.

E uma coisa terrível, quando os refugiados fugiram para o leste, os edomitas permaneceram na sua fronteira, capturaram esses refugiados e os mantiveram até que o exército babilônico perseguidor os alcançasse e os entregasse, sem mais nem menos. E aí estamos. Obadias preenche muito a lacuna, pode-se dizer, no que diz respeito a este versículo. E então, diz, ok, ria, alegre-se e fique feliz, mas você não será o último a rir.

Você não vai rir por último. E há menção ao cálice, é o cálice da ira. Obadias, novamente, 15 e 16, diz que Edom experimentará aquele cálice da ira.

E em Jeremias 25, é desenvolvido longamente, o cálice da ira. E você se lembra, isso é mencionado em certo ponto nos Evangelhos; Acho que todos os três Evangelhos mencionam isso, mas veremos Mateus. Mateus 26, e versículo 39, Jesus no Jardim do Getsêmani, indo um pouco mais longe, Jesus se jogou no chão e orou, meu pai, se for possível, passe de mim este cálice, ainda não é o que eu quero, mas o que você quer.

E assim esse cálice permanece vivo no Novo Testamento, na experiência de Jesus. E finalmente, no versículo 22, temos esse contraste entre o futuro de Sião e o futuro de Edom. E é isso que gosto de chamar de teologia do semáforo.

Quando estou andando de bicicleta e tenho que parar em um semáforo, o que estou olhando? Estou olhando para a luz na encruzilhada. E quando ficar vermelho, sei que ficará verde para mim. E eu acho isso maravilhoso.

Está ficando vermelho. E então, devo diminuir o zoom em apenas alguns segundos agora. E assim, a luz vermelha para Edom foi apresentada no versículo 21.

E é reafirmado no final de 22: a tua iniquidade, ó filha de Edom, ele castigará, Deus castigará, e descobrirá os teus pecados. Mas isso significa luz verde para Sião. E essa luz verde está explicitada.

Más notícias para Edom significam boas notícias para Sião. E assim, o castigo da sua iniquidade está cumprido. Está realizado.

E ele não irá mais mantê-lo no exílio. Ou, na NVI, ele não prolongará o seu exílio. E assim, depois daquela parte monótona e sombria da maior parte deste capítulo quatro, chegamos a uma declaração positiva.

E isso estabelece a base para o que leremos no capítulo cinco. E espero que seja o último e bem-sucedido incentivo para que a congregação realmente venha orar diante de Deus, como o mentor havia insistido.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 11, Lamentações 4:1-22.